

MegaNisa

Megalitismo de Nisa



JORGE DE OLIVEIRA



MegaNisa

Megalitismo de Nisa

Jorge de Oliveira





MEGANISA

Câmara Municipal de Nisa

MEGANISA

Um concelho com Tesouros a descobrir

Há cerca de 6 anos (Outubro de 2013), quando assumi a presidência da Câmara Municipal de Nisa, figurava no manifesto eleitoral da minha candidatura a recuperação de um monumento denominado "Menhir do Patalou", que há mais de 15 anos tentavam (ou não) os poderes locais reerguer sem sucesso.

4 Logo no ano seguinte, em 2014, contactei o Prof. Jorge de Oliveira (Docente da Universidade de Évora), reconhecido e conceituado investigador e conhecedor do concelho de Nisa e dos seus inúmeros tesouros soterrados na vastidão deste território, no sentido de sob a sua orientação científica ser desenvolvido um aprofundado estudo, não só daquele monumento em particular, como estender a sua análise a outro património megalítico existentes no concelho de Nisa – surgindo assim o projeto MEGANISA.

Em 2015, iniciaram-se os trabalhos arqueológicos que nos permitiram ao fim de dois anos a reereção do Menhir do Patalou - um bloco de granito com 4 metros de comprimento e um peso de 6,5 toneladas - contando com a colaboração da equipa do Laboratório de Arqueologia da Universidade de Évora e dos funcionários do Município.





O primeiro passo estava dado, criando-se um elo de ligação entre um passado distante e simbólico, e um presente forte e identitário, recuperando memórias e imaginário perdidos nos mais de 7 mil anos de história, que nos deixaram as comunidades que por aqui passaram e habitaram.

Ao longo deste 5 anos de profícuo e intenso labor e muito investimento, recuperamos do esquecimento o Menhir do Patalou, a Anta dos Saragonheiros, a Anta de São Gens e a Anta da Senhora da Redonda, e estamos em crer que as sementes que lançamos, irão, muito em breve, dar resultados muito positivos, com a criação de um produto turístico de excelência, e a prova disso mesmo é o lançamento deste interessante roteiro explicativo do Megalitismo de Nisa, o qual nos ajudará a desvendar os locais, os monumentos e as paisagens deslumbrantes deste nosso território, bordado de memórias infinitas.

5

Um agradecimento especial a todos os proprietários dos terrenos onde se localizam o Menhir do Patalou e a Anta dos Saragonheiros, que nos concederam permissão para tornar visitáveis estes tesouros milenares, porque o MEGANISA, é muito mais que um projeto de investigação, valorização e divulgação dos monumentos megalíticos do concelho de Nisa, o MEGANISA SOMOS TODOS NÓS!

Idalina Trindade

Presidente da Câmara Municipal de Nisa



Megalitismo no concelho de Nisa

Os monumentos megalíticos do concelho de Nisa estão descritos desde os mais antigos documentos que relatam a existência de antas em Portugal.

6

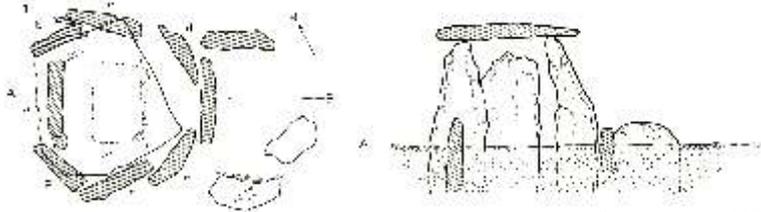
Torna-se naturalmente importante realçar a referência que faz Martinho de Mendonça e Pina, em 1733, a uma anta que vira na zona de Nisa. Na sua descrição diz-nos que "*o tempo (arruinou) alguns Padroens, ou columnas, e se conservão só quatro, que como nellas se estribava o grande pezo da pedra, que serve de mesa, resistirão ao curso de tantos séculos, vendo-se as outras derribadas, de sorte, que a união destes Padroens, que se juntavam huns aos outros, quanto lhe permittia a figura irregular, constituirão hum muro cerrado, sobre que descansava a mesa, ou pedra grande, que o cobria, sem que o vão, que ficava dentro, tivesse entrada alguma.*"

(Collecção dos Documentos e Memórias da Real Academia Real da História Portuguesa NUM XVI).



Provavelmente esta seria a mesma anta que Mendonça e Pina descreveu em 1733 e que José Diniz da Graça Motta e Moura, na sua *Memoria Histórica* publicada em 1877, diz-nos que foi demolida para utilização da pedra. Informa-nos ainda que "*estava collocada no Rocío junto da antiga muralha, quasi em frente do pateo da casa dos Salgueiros.*" (Motta e Moura, 1887:77).

Os monumentos megalíticos de Nisa foram posteriormente visitados e descritos na década de cinquenta do século XX pelo casal George e Vera Leisner e revisitados pelos arqueólogos da Associação de Estudos do Alto Tejo, na década de 70. Na mesma década dezenas de monumentos de xisto, situado na zona norte do concelho, foram destruídos irrecuperavelmente durante a preparação dos solos para plantação de eucaliptos.



Anta 1 de S. Gens (desenhos de George e Vera Leisner, 1959)

Torna-se assim evidente a importância que o megalitismo tem neste concelho bastando para isso destacar que o mais antigo documento sobre este tema se refere a pelo menos uma anta nesta região.





Mas afinal o que é o Megalitismo?

8

Megalitismo denomina todo um vasto conjunto de manifestações rituais que emergiram, há mais de 6000 anos, no seio das comunidades neolíticas. As primeiras sociedades de pastores e agricultores, conscientes da sua dependência face aos ecossistemas onde se inseriam, tentaram, através de mitos, ou complexos mitológicos, interferir nos normais ciclos da natureza. Talhando e erguendo pedras, mais ou menos fálicas, os menires, julgaram garantir, ou aumentar a sua fertilidade, a dos campos e a dos animais de que dependiam. Reconhecendo que as fases astrais acompanhavam de forma contínua o desenrolar do ciclo biológico, desenvolveram empíricos espaços de observação e registo, envoltos em encenações rituais, que se traduziram na construção de recintos definidos por grandes pedras, os recintos e os cromeleques.

Procurando, desesperadamente, ultrapassar os limites da vida, tentaram prolongá-la ou, pelo menos, partes dela, através de complexos rituais funerários que terminavam com a deposição dos restos humanos em sepulturas solidamente construídas, as antas, ou dólmenes.

Porque as mais expressivas manifestações dessas comunidades neolíticas, que chegaram até nós, foram obtidas por grandes pedras, Algernon Herbert, em 1848, denominou pela primeira vez de megálitos (*mega*, grande e *lithos*, pedra) esses milenares monumentos. Reconhece-se hoje, contudo, que o conceito de Megalitismo se estende para além das expressões propriamente megalíticas, englobando, igualmente, todas as múltiplas manifestações simbólicas e artefactuais que fizeram parte das teatralizações desses milenares mitos.

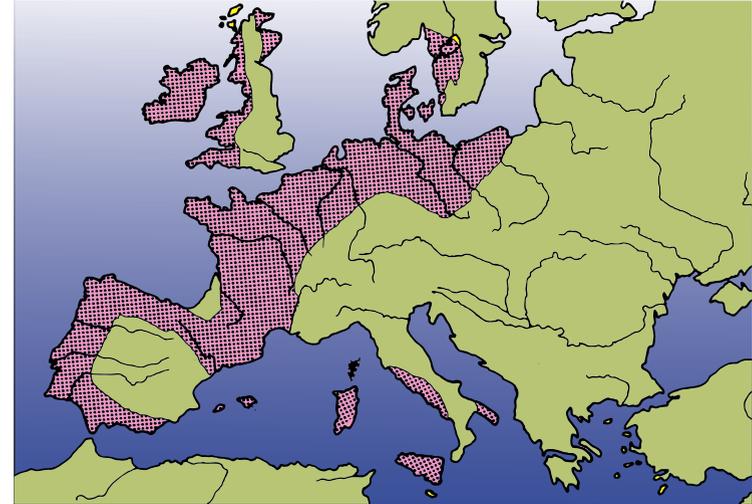


Anta 1 dos Saragonheiros, Alpalhão, Nisa

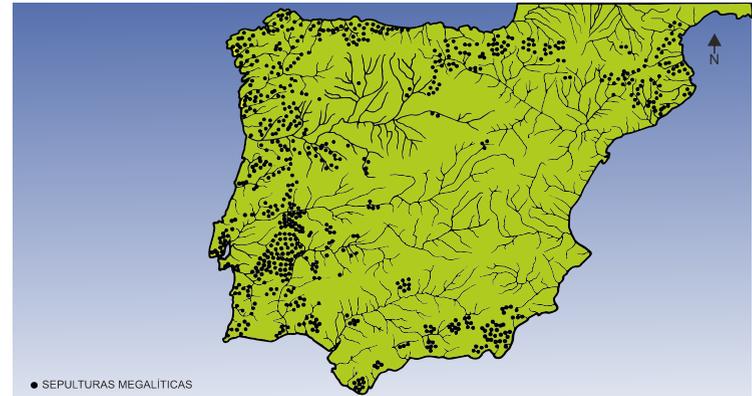
Embora ainda insuficientemente estudado, o Megalitismo parece reconhecer-se à escala mundial, evidenciando-se, contudo, que as suas mais antigas e expressivas manifestações ocorrem em vários pontos da Europa ocidental, com particular destaque no Alto-Alentejo, sobretudo no que aos menhires diz respeito.



Apresentando diferentes expressões, condicionadas pelas matérias-primas e pelos contextos sócio-económicos de que emergiram, os megálitos foram projectados para a eternidade, obrigando a um investimento por vezes desproporcional às capacidades de uma só comunidade. A construção de alguns monumentos exigiu, assim, a cooperação inter-grupos, contribuindo para o desanuviamento de potenciais tensões sociais existentes à época.

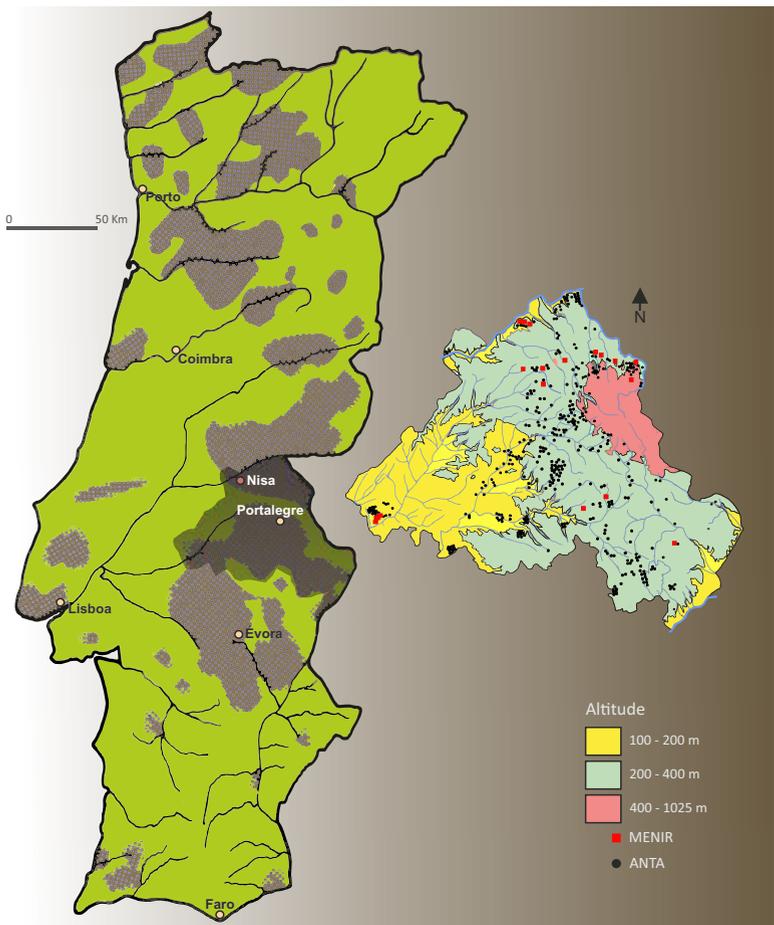


Megalitismo europeu



● SEPULTURAS MEGALÍTICAS

Sepulturas megalíticas na Península Ibérica



Dispersão megalítica em Portugal e localização altimétrica de monumentos no Distrito de Portalegre

De um ponto de vista genérico, a imagem mais generalizada do Megalitismo do concelho de Nisa assenta nas estruturas funerárias, do tipo dólmen, formadas por câmaras regulares de sete esteios e por um corredor, mais, ou menos longo. Contudo, diferentes variantes podem ser encontradas nas manchas megalíticas situadas na área abrangida por este concelho. O polimorfismo que nesta região se revela parece decorrer dos diferentes enquadramentos económicos e sociais que se podem isolar. Cada comunidade investiu nos rituais da morte de forma diferente, ainda que o mito ou mitos subjacentes fossem os mesmos. Cedo as comunidades neolíticas terão enveredado por sistemas produtivos diferenciados, dependentes dos ambientes onde se instalaram.



Aspecto da paisagem megalítica. Alpalhão, Nisa



Em solos leves e bem drenados como na área envolvente de Alpalhão e Nisa a economia assentaria, maioritariamente, nas práticas agrícolas, ainda que completada pela pastorícia e por actividades cinegéticas. Os solos mais pobres e secos, sobretudo na zona de Montalvão e Salavessa, onde a agricultura se tornaria menos rentável, foram explorados por comunidades de pastores que, em constante deambulação, acompanhavam os seus rebanhos. Os primeiros, mais sedentários, desenvolveram laços sociais mais fortes e estáveis que lhes possibilitavam um maior investimento nos rituais da morte, compatível com a construção de grandes monumentos funerários. Os que da pastorícia e, eventualmente, da caça dependiam porque, em constante

movimentação atrás dos seus rebanhos, não se vinculavam, exclusivamente, a um determinado território. Este nomadismo dificultou o reforço dos laços sociais e inviabilizou a congregação comunitária de esforços conducentes ao corte e transporte de grandes pedras destinadas à construção de monumentais sepulcros.

Localizam-se, assim, os sepulcros mais monumentais nas imediações dos solos com melhor aptidão agrícola, face à tecnologia neolítica como é caso dos Saragonheiros, N.º Sr.º da Redonda e as antas de S. Gens.

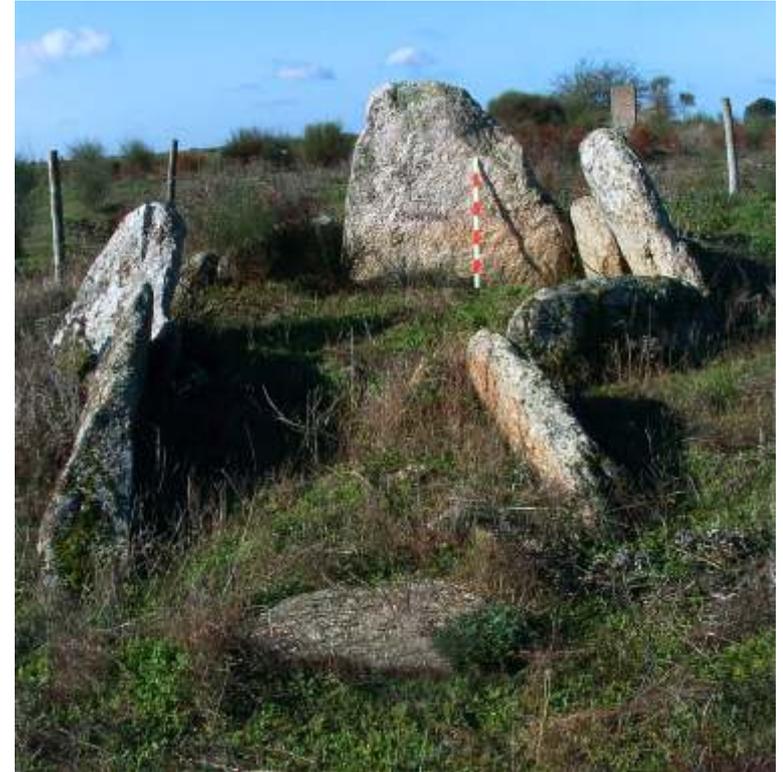


Anta de N.º Sr.º da Redonda (como abrigo de rebanhos)



Anta da Lomba da Barca, Nisa

Reconhecem-se, assim, nas paisagens do concelho de Nisa pelo menos dois diferentes tipos de sepulcros megalíticos correspondentes a grupos ou estratos sociais distintos.



Anta 3 de S. Gens, Nisa

12

Pelo contrário, nos solos mais pobres, utilizados pelos que da pastorícia tiravam o seu sustento, encontram-se pequenas câmaras funerárias que, com facilidade, um ou dois homens conseguiam erguer, entre as quais podemos destacar as antas do Padre-Santo, Fonte da Pipa ou Lomba da Barca.

Mas, nas imediações dos grandes sepulcros, começaram, recentemente, a ser identificadas estruturas funerárias de menor dimensão. Nestes pequenos dólmenes poderão ter sido depositados aqueles que, não pertencendo à elite comunitária, não tiveram direito a ser tumulados nos monumentais espaços que, construídos com o esforço de todos se destinavam apenas a um grupo restrito.



Ruínas da ermida de S. Gens

A Necrópole de S. Gens, situada junto à estrada que liga Alpalhão a Arês, é composta por quatro sepulcros mega-

líticos destacando-se pela sua silhueta e estado de conservação a que mais próximo fica das ruínas da ermida de S. Gens (Anta 1 de S. Gens). Este monumento em excelente estado de conservação, multiplamente divulgado ofusca, de alguma forma, os outros três monumentos de acessibilidade mais difícil.



Anta 1 de S. Gens (foto: George e Vera Leisner, 1959)

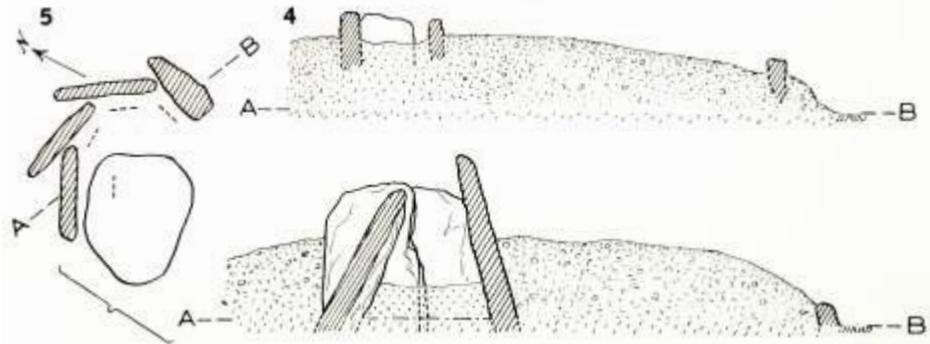


Vaso cerâmico. Anta 2 de S. Gens

Curiosamente, das quatro, a Anta 2 de S. Gens foi a única a ser cientificamente escavada, permitindo revelar vários materiais arqueológicos. Com destaque para as placas de xisto, os vasos cerâmicos e as pontas de seta.



Anta 2 de S. Gens

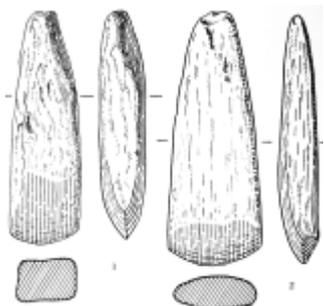


Anta 2 de S. Gens (desenhos: George e Vera Leisner, 1959)



ANTA 1 DE SÃO GENS

A Necrópole dos Saragoneiros, situada à direita da estrada que liga Nisa a Alpalhão e devidamente sinalizada, é hoje composta por três dólmenes, dois dos quais de grande envergadura.

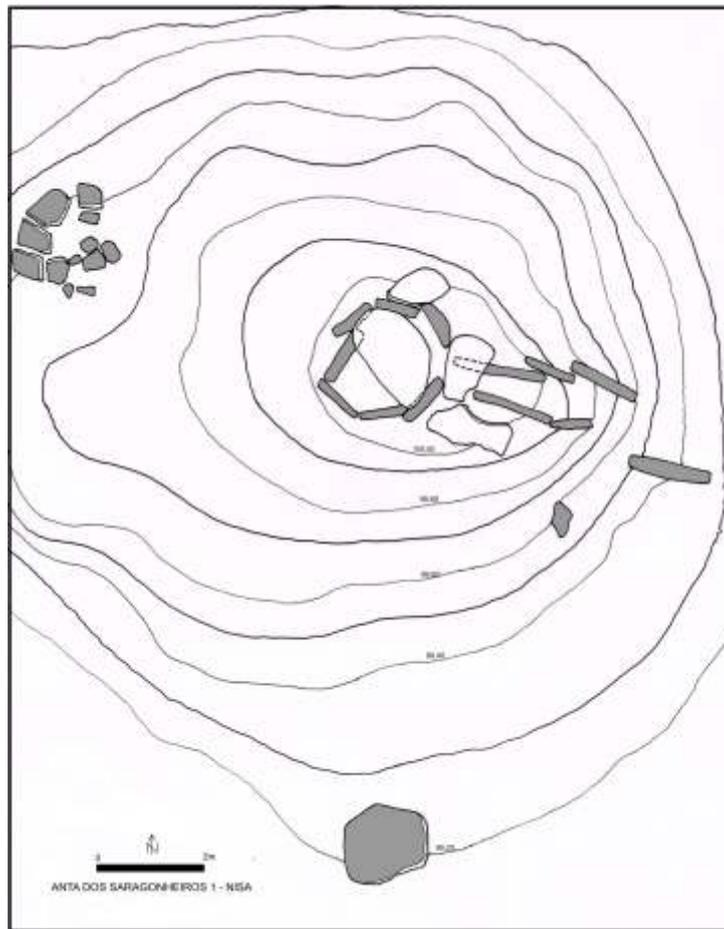


Anta 1 dos Saragoneiros. Corte (Desenho de George e Vera Leisner)



Anta 1 dos Saragoneiros, antes da reabilitação. Em primeiro plano, o menhir reutilizado.

A Anta 1 dos Saragoneiros está a ser objecto de estudo por parte duma equipa de arqueólogos, no âmbito dum protocolo estabelecido entre o Município de Nisa e a Universidade de Évora, que já permitiu determinar a presença de um grande fragmento de um menhir reaproveitado no corredor do sepulcro e identificar a presença de três grandes lajes de granito situadas a curta distância do monumento, indicando o Norte, Sul e Ocidente.



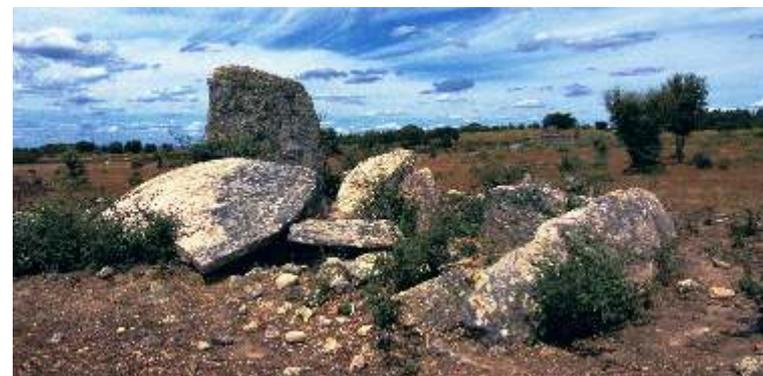
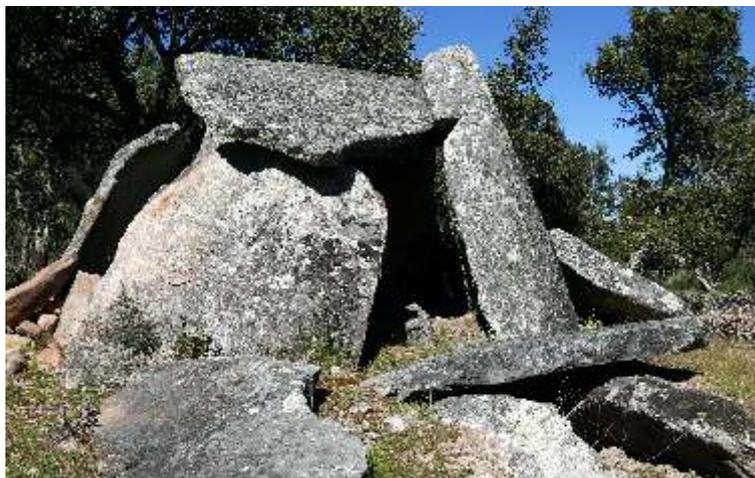
Levantamento topográfico da Anta 1 dos Saragoneiros



Trabalhos de escavação e valorização da Anta 1 dos Saragonheiros

No verão de 2017 foi possível recolocar sobre os monólitos da câmara funerária o chapéu que se encontrava deslocado para sul. Recentemente, foi construída uma estrada e um pequeno parque de estacionamento com acesso à anta. Os outros dois monumentos, que se situam nas imediações, serão igualmente objecto de valorização.

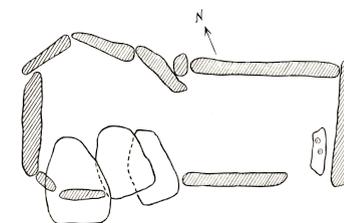
16



Anta 2 dos Saragonheiros



Anta 3 dos Saragonheiros



Anta 2 dos Saragonheiros.
(Desenho: George e Vera Leisner, 1959)

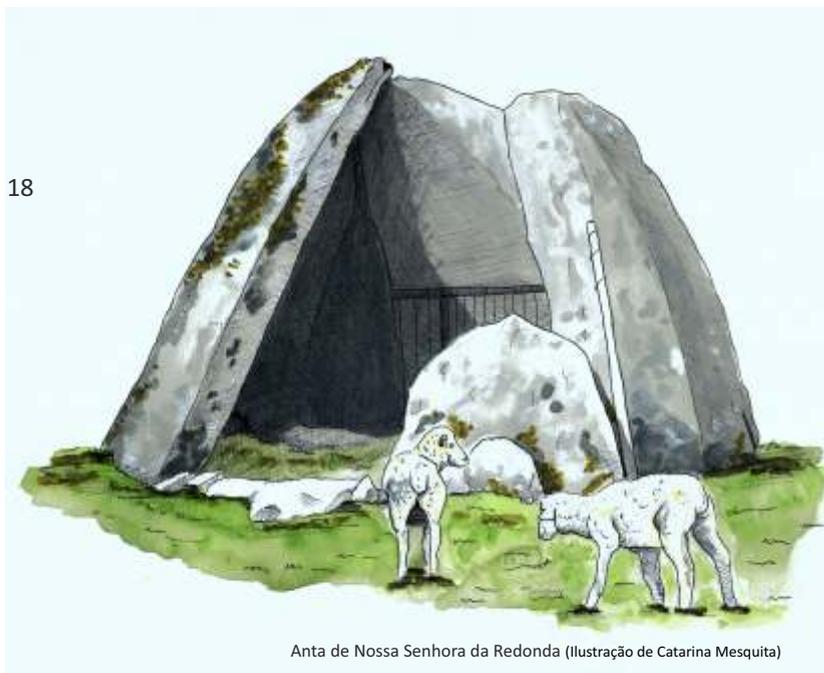


ANTA 1 DOS SARAGONHEIROS

A Anta de Nossa Senhora da Redonda situa-se a curta distância de Alpalhão à esquerda da estrada que conduz a esse templo. Está rodeado por afloramentos rochosos com caprichosas figuras naturais das quais se destaca a do focinho de um porco.



18



Anta de Nossa Senhora da Redonda (Ilustração de Catarina Mesquita)

A forma arredondada da câmara deste monumento megalítico poderá estar na origem da singular devoção mariana de Nossa Senhora da Redonda, local de grande tradição e concorridas romarias.



A Anta de Nossa Senhora da Redonda após cuidada limpeza mantém, ainda, uma curiosa funcionalidade como abrigo de rebanhos e é, de todos os monumentos megalíticos visitáveis do concelho de Nisa, o que apresenta o acesso mais difícil.





ANTA DE N.ª SR.ª DA REDONDA

Os Menhires



A zona envolvente a Nisa apresenta uma singular abundância de menhires. Todos obtidos em granito, uns fracturados outros inteiros, mas genericamente tombados e outros reaproveitados para outras funções. Deste conjunto que provavelmente ultrapassa uma dezena haverá que destacar o Menhir do Patalou, o menhir da Fonte do Cão e o menhir reaproveitado da Anta 1 dos Saragonheiros.

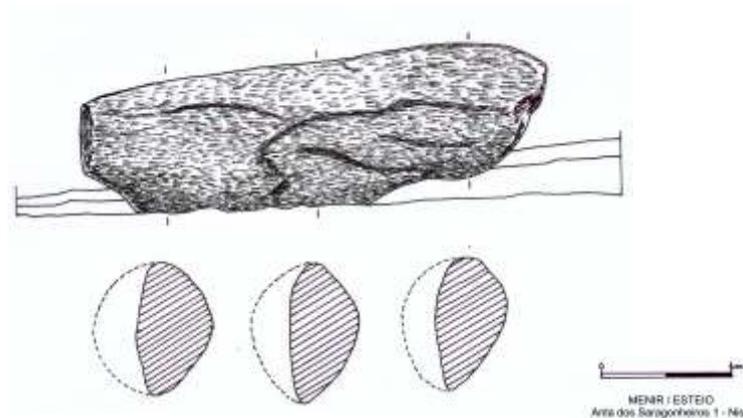
20



Os menhires do concelho de Nisa situam-se, à semelhança do que ocorre com os dos concelhos limítrofes, na zona de contacto entre os solos graníticos e os xistosos, formando como que um longo alinhamento, quais marcas territoriais, separadores de duas comunidades que acima referimos. É neste longo alinhamento que se insere o maior menir da Península Ibérica, no vizinho concelho de Castelo de Vide, e o do Patalou nas imediações de Nisa. Estes dois menires revestem-se da maior importância porque pela datação por radio carbono, de carvões recolhidos na sua base, os situa no 6º milénio antes de Cristo. Representam os mais antigos monumentos da humanidade com datação absoluta reconhecida.



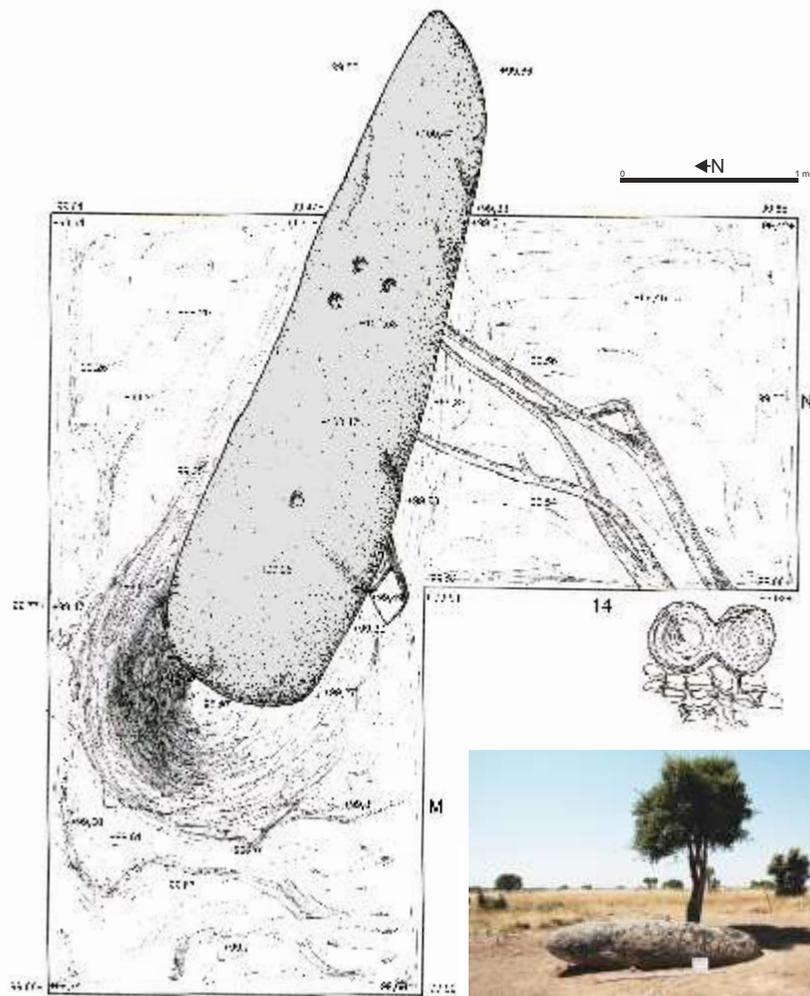
Menhir reutilizado da Anta 1 dos Saragonheiros



Trabalhos de escavação e valorização do menhir/esteio da Anta 1 dos Saragonheiros

Os outros menires deste concelho, ainda em estudo, enquadram-se nos contextos das sepulturas megalíticas conhecidas.

Umás vezes aproveitando afloramentos naturais, outras vezes totalmente talhados e impostos pelo homem, parecem resultar de rituais à fecundidade e à fertilidade, não lhes sendo estranhos, igualmente, os cultos astrais.



Menhir do Patalou, área escavada

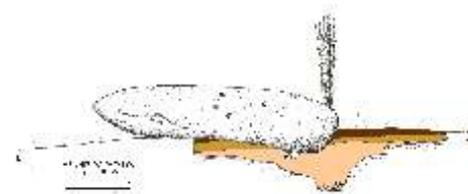


O menhir antes da escavação



Trabalhos de escavação e valorização do Menhir do Patalou

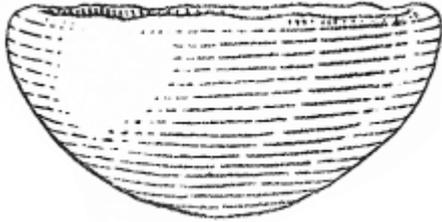
O Menhir do Patalou recuperado recentemente (2016), é uma peça granítica com cerca de seis toneladas, apresentando uma forma fálica. Implanta-se, como é normal em todos os menires, numa muito suave encosta virada ao nascente. Por motivos de preservação de um sobreiro e da memória do alvéolo original a sua reerecção foi efectuada a seis metros para norte do local original, sendo compactado com argila e terra, à semelhança da técnica que nos foi possível identificar durante a fase de escavação.



Menhir do Patalou, corte

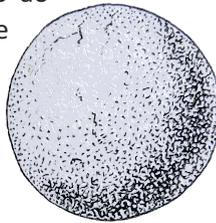


MENHIR DO PATALOU



Os artefactos

Uma panóplia de artefactos acompanhavam os mortos nas antas, sua última morada. Instrumentos de uso quotidiano, tais como machados, flechas, lâminas, recipientes de cerâmica e elementos de adorno eram colocados junto ao morto. Esta exigência ritual poderá revelar que para as comunidades neolíticas a morte não seria um fim. A crença numa outra vida após a morte, ou a esperança num renascimento, deveriam fazer parte da cultura das primeiras comunidades agro-pastoris.

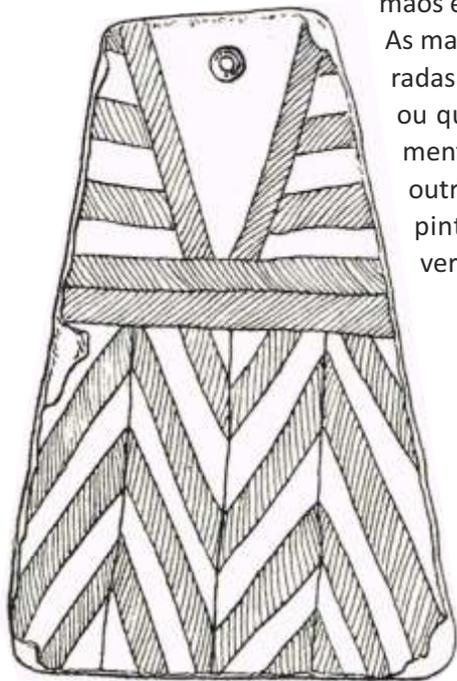


Desenhos de George e Vera Leisner, 1959



Acompanhavam ainda o morto pequenas placas gravadas, maioritariamente de xisto, que parecem representar uma qualquer divindade conotada com a deusa-mãe. Umas mais realistas que outras, evidenciam vários traços anatómicos dos quais se destacam os olhos, as sobrancelhas, o nariz, os braços, as mãos e, mais raramente, a pube.

As mais esquemáticas são decoradas com faixas de triângulos, ou quadrados. Ainda que raramente, ocorrem ídolos-placa e outros materiais com sinais de pintura, geralmente de cor vermelha.



Desenho de George e Vera Leisner, 1959



Machados (Antas da Lomba da Barca e Padre Santo)



Ídolos-placa (Anta de S. Gens II)



Artefactos recolhidos nas antas de Nisa (pontas de seta, cerâmica e laminas)



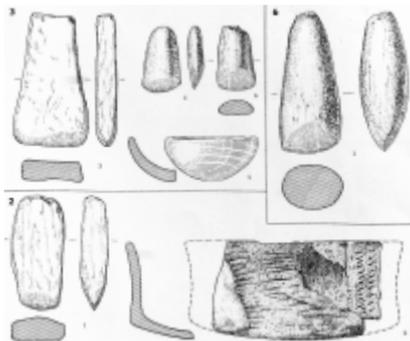
Percutores (Anta do Padre Santo)



Recipientes de cerâmica (Anta de S. Gens II)



Bibliografia



- BUENO, Primitiva (1986); Megalitos en Extremadura, in *Actas de la Mesa Redonda sobre Megalitismo Peninsular*, España- Portugal, 1984.
- Idem (1987); Megalitismo en Extremadura: Estado de la Cuestión, in *El Megalitismo en la Peninsula Ibérica*, Ministerio de Cultura, Madrid.
- Idem (1988); Los Dolmenes de Valencia de Alcantara, Excavaciones Arqueologicas en España nº155, Ministerio de Cultura, Madrid.
- DIAS, Ana Carvalho e OLIVEIRA, Jorge Manuel, (1981); *Monumentos Megalíticos do Concelho de Marvão*, Assembléia Distrital de Portalegre, Portalegre.
- HENRIQUES, F.J.R., CANINAS, J.C., CHAMBINO, Mário (1993); *Carta Arqueológica do Tejo Internacional*, Volume 3, A.E.A.T., V.V.de Ródão.
- LEISNER, George e Vera (1956); *Die Megalithgraber Iberischen Halbinsel. Der Westen (1)*, Walther de Gruyter, Berlin.
- Idem, (1959); *Die Megalithgraber Iberischen Halbinsel. Der Westen (2)*, Walther de Gruyter, Berlin.
- Idem, (1965); *Die Megalithgraber Iberiscischen Halbinsel. Der Westen (3)*, Walter de Gruyter, Berlin.
- MONTEIRO, J. Pinho, e GOMES, Mário Varela (1977); Os Menires da Charneca do Vale do Sobral - Nisa, *Revista de Guimarães*, LXXXVII, Guimarães.
- Oliveira, Jorge de; Dias, Ana C. (1981); *Monumentos Megalíticos do Concelho de Marvão*, Edição da Assembleia Distrital de Portalegre, Portalegre.
- Oliveira, Jorge de (1995); *Sepulturas Megalíticas del Termino Municipal de Cedillo - Provincia de Cáceres* - Edicion del Ayuntamiento de Cedillo, Cáceres.
- OLIVEIRA, Jorge de (1995); *A Recuperação do Menir da Meada - Castelo de Vide*, Ed. Câmara Municipal de C. de Vide. (ed. desenvolvida de artº. da Ibn Maruán)
- Oliveira, Jorge de (1997); *Monumentos Megalíticos da Bacia Hidrográfica do Rio Sever*, 1º Vol. - edição bi-lingue, patrocinada pelas Câmaras de Marvão, C. de Vide, Nisa, V. de Alcântara, Herrera de Alcântara e Cedillo e pela Delegação Regional do Ministério da Cultura, Ed. Colibri, Lisboa.
- Oliveira, Jorge de (2012); *Monumentos Megalíticos da Bacia Hidrográfica do Rio Sever*, 2º e 3º Vols. - edição bi-lingue, ed. electrónica, Chaia / C.M.Marvão.
- Oliveira, Jorge de (2006); *Património Arqueológico da Coudelaria de Alter*, Ed. Colibri / Universidade de Évora, Lisboa.
- OLIVEIRA, Jorge de; PARREIRA, João; PEREIRA, Sérgio (2007); *Nova Carta Arqueológica de Marvão*, Nº. especial da *Ibn Maruán*, Ed. C.M.de Marvão / Ed. Colibri. (no prelo)
- OLIVEIRA, Jorge (1999); "Inventario, Investigacion y puesta en Valor de los Dólmenes: Termino Municipal de Cedillo", in *Extremadura Restaurada*, Consejería de Cultura y Patrimonio de la Junta de Extremadura, Mérida.
- OLIVEIRA, Jorge de (2004); "O Megalitismo do Distrito de Portalegre 100 anos depois do inventário de Francisco Tavares de Proença Júnior" in *Arqueologia: Coleções de Francisco Tavares de Proença Júnior*, IPM, Lisboa.
- OLIVEIRA, Jorge de (1987); "O Menhir da Água da Cuba", *Actas das Primeiras Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano*, Portalegre - Castelo de Vide.
- OLIVEIRA, Jorge (1990); "A Necrópole Megalítica de Montalvão - A Anta da Nave do Padre-Santo", *Actas das IV Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Lisboa.
- OLIVEIRA, Jorge (1993); "Territórios e Variabilidade Megalítica no Nordeste Alentejano", *Actas do 1º Encontro - Transformação e Mudança*, UNIARQ, Cascais-Lisboa.
- OLIVEIRA, Jorge (1993); "Reutilizações e Reaproveitamentos de Materiais em Sepulturas Megalíticas do Nordeste Alentejano", *Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular*, Vol. I, Porto.
- OLIVEIRA, Jorge (1993); "O Rio Sever e as Fronteiras no 3º Milénio a. C.", *Actas do Seminário Cooperação e Desenvolvimento Transfronteiriço*, C. M. de Vila Velha de Ródão, Castelo Branco.
- OLIVEIRA, Jorge (1996); "Datas absolutas de monumentos megalíticos da bacia hidrográfica do Rio Sever", *Actas do 2º Congresso de Aqueologia Peninsular*, Zamora.
- OLIVEIRA, Jorge (1996); "As pequenas antas de Montalvão e Cedillo", *Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo de Monsaraz*, C.M. de Reguengos de Monsaraz e UNIARQ, Lisboa.

- OLIVEIRA, Jorge (1999); "Economia e Sociedade dos Construtores de Megálitos da Bacia do Sever", *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*, Vol III, ADECAP, Porto.
- OLIVEIRA, Jorge de (2001); "O Megalitismo de Xisto da Bacia do Sever Montalvão – Cedillo", *Muitas antas pouca gente?, Trabalhos de Arqueologia* 16, IPA, Lisboa.2001
- OLIVEIRA, Jorge de (2001); "Continuidade e Rupturas do Megalitismo do Distrito de Portalegre", *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*, Vol III, ADECAP, Porto.
- OLIVEIRA, Jorge de; Moitas, E; OLIVEIRA, Clara (2007); "Monumentos Megalíticos do Concelho de Arronches", *Actas das 3as. Jornadas de Arqueologia do Norte-Alentejano*. (no prelo)
- OLIVEIRA, Jorge de (2007); "Coudelaria de Alter – 3 anos de trabalhos arqueológicos", *Actas das 3as. Jornadas de Arqueologia do Norte-Alentejano*. (no prelo)
- OLIVEIRA, Jorge de; RIBEIRO, Margarida; PINTO, Mário (2007); "Património Arqueológico em Nisa - Revisão do PDM", *Actas das 3as. Jornadas de Arqueologia do Norte-Alentejano*. (no prelo)
- OLIVEIRA, Jorge de (2007); The Tombs of the Neolithic Artist-Shepherds of the Tagus Valley, *Actas da I Reunión de Estudios sobre la prehistoria reciente en el Tajo internacional*, BAR (no prelo).
- OLIVEIRA, Jorge de (1995); "A Recuperação do Menir da Meada - Castelo de Vide", *Ibn Maruán*, n.º 5, Câmara Municipal de Marvão.
- OLIVEIRA, Jorge de (1998); "Antas e Menires do Concelho de Marvão", *Ibn Maruán*, n.º 8, Câmara Municipal de Marvão.
- OLIVEIRA, Jorge de (1998); "A Anta de la Joaniña e a da Era de los Guardias no ambiente megalítico da foz do Sever", *Ibn Maruán*, n.º 8, Câmara Municipal de Marvão.
- OLIVEIRA, Jorge de (2000); "A Anta II de S. Gens – Nisa", *Ibn Maruán*", n.º 9/10, Câmara Municipal de Marvão.
- OLIVEIRA, Jorge de (2000); "A Anta da Tapada de Matos – Castelo de Vide", *Ibn Maruán*, n.º 9/10, Câmara Municipal de Marvão.
- OLIVEIRA, Jorge de; OLIVEIRA, Clara (2000); "Menires do Distrito de Portalegre, *Extremadura Arqueológica*", Número Especial de Homenagem a Elías Diegués, Cáceres.
- RODRIGUES, M. da C. Monteiro (1975); *Carta Arqueológica do Concelho de Castelo de Vide*, Assembleia Distrital de Portalegre, Lisboa.

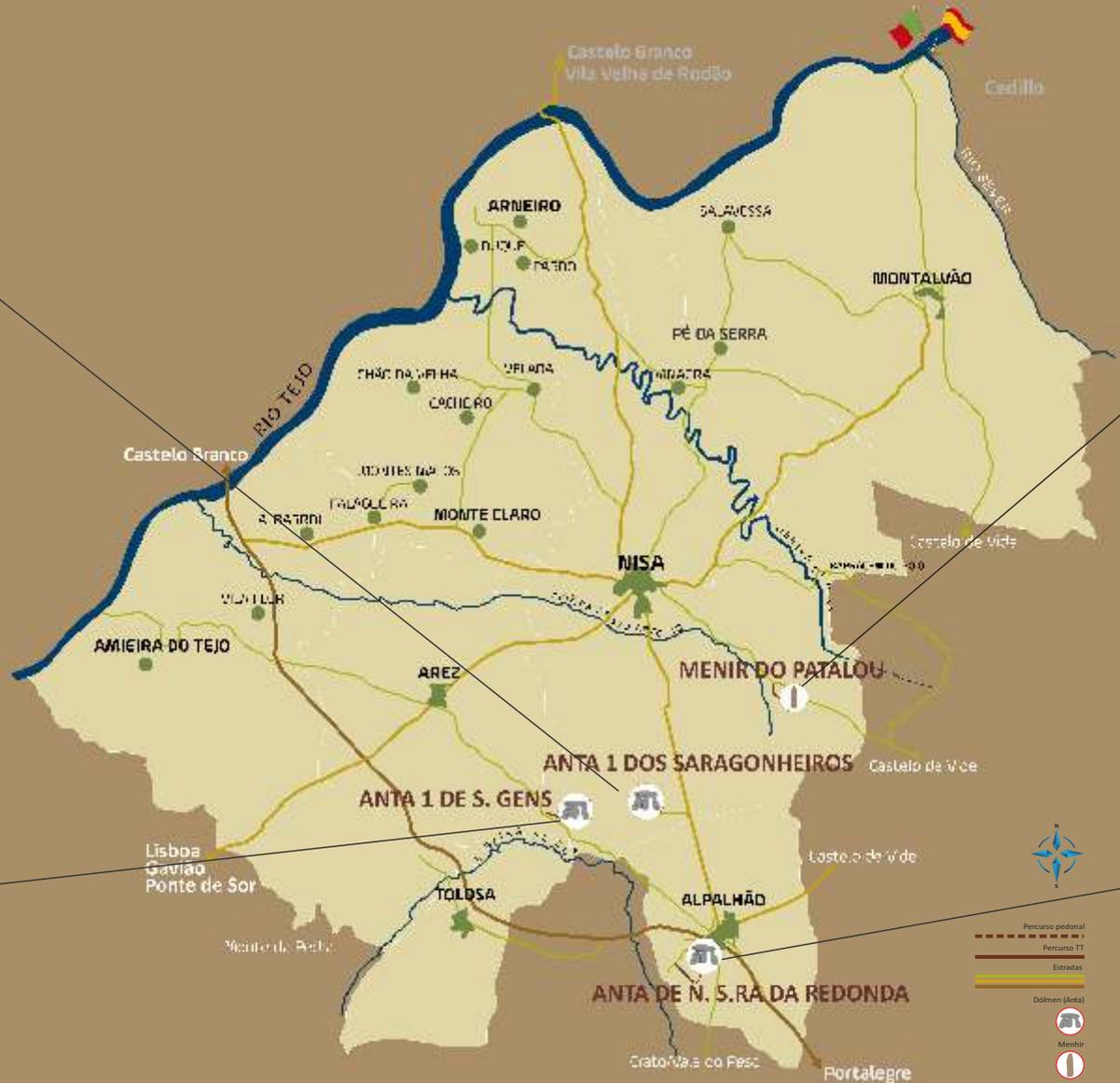




ANTA 1 DOS SARAGONHEIROS



ANTA 1 DE SÃO GENS





MENHIR DO PATALOU



ANTA DE NOSSA SENHORA DA REDONDA



MEGANISA

Percurso de Visita

Por terras do concelho de Nisa, escondidos sob frondosos montados de azinheiras e sobreiros, ou espreitando por cima de campos de seara, mais de meia centena de antas e uns prováveis dez menhires guardam as lendas, os sonhos e as angústias das primeiras comunidades de pastores e agricultores que, alguns há muito mais de cinco mil anos, os ergueram.

Os rituais da vida e da morte destas comunidades neolíticas expressam-se nos singulares menhires, dos quais se destaca o do Patalou e de uma vintena de antas das quais as mais notáveis e de maior acessibilidade incluímos nesta proposta de visita.

O percurso que aqui se sugere, tende a fornecer ao visitante uma visão do vasto património megalítico que está a ser alvo de reabilitação no âmbito do convénio estabelecido entre o Município de Nisa e a Universidade de Évora.

Para aceder a estes monumentos bastará seguir as instruções da cartografia que se anexa e da sinalização vertical *in situ* que ajuda a orientar o visitante.

Todos os monumentos situam-se em propriedades privadas onde poderá haver gado pelo que se solicita ao visitante que não deixe as porteiras abertas.



CÂMARA
MUNICIPAL
NISA

FICHA TÉCNICA

Coordenação e texto

Jorge de Oliveira (CHAIA - Universidade de Évora)

Introdução

Idalina Trindade (Presidente da Câmara Municipal de Nisa)

Fotografia

João José Bica, Jorge de Oliveira e Raul Ladeira

Design gráfico

Veludo Azul, Audiovisuais e Comunicação Lda

Ilustração

Catarina Mesquita (actual)

George e Vera Leisner (1959)

Edição

Câmara Municipal de Nisa

ISBN: 978-972-9144-13-4

Depósito legal n.º 457712/19

Nisa, 2019



CÂMARA
MUNICIPAL
NISA

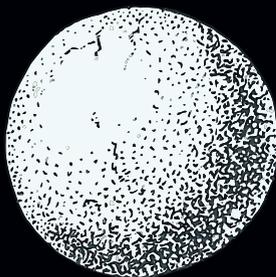
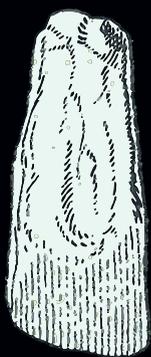


UNIVERSIDADE DE ÉVORA
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Cofinanciado por:



UNião Europeia
Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional



2



9



7

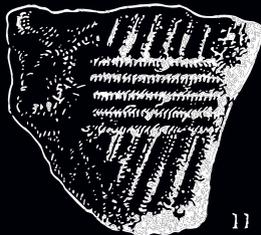
8



5



6



11



10



12